

LÚCIO CARDOSO

Crônica da casa assassinada

Prefácio
Chico Felitti



20. Diário de André (III)
21. Diário de André (IV)
22. Carta de Valdo a Padre Justino
23. Diário de Betty (IV)
24. Terceira narrativa do médico
25. Diário de André (V)
26. Diário de André (V)(continuação)
27. Terceira confissão de Ana
28. Segunda narração de Padre Justino
29. Continuação da terceira confissão de Ana
30. Continuação da segunda narração de Padre Justino
31. Continuação da terceira confissão de Ana
32. Fim da narração de Padre Justino
33. Fim da terceira confissão de Ana
34. Diário de Betty (V)
35. Segunda carta de Nina ao Coronel
36. Diário de André (VI)
37. Depoimento de Valdo
38. Diário de André (VII)
39. Depoimento do Coronel
40. Quarta confissão de Ana
41. Diário de André (VIII)
42. Última narração do médico
43. Continuação do diário de André (IX)
44. Segundo depoimento de Valdo (I)
45. Última confissão de Ana (I)
46. Segundo depoimento de Valdo (II)
47. Última confissão de Ana (II)

48. Diário de André (X)
49. Segundo depoimento de Valdo (III)
50. Quarta narrativa do farmacêutico
51. Depoimento de Valdo (IV)
52. Do livro de memórias de Timóteo (I)
53. Depoimento de Valdo (V)
54. Do livro de memórias de Timóteo (II)
55. Depoimento de Valdo (VI)
56. Pós-escrito numa carta de Padre Justino

Crônica de Clarice Lispector

Sobre Lúcio Cardoso

Créditos

Prefácio

Chico Felitti

Crônica da casa assassinada começa com uma cena que poderia ser estátua renascentista mas que é feita de palavras. Quando o leitor cruza os pórticos da Chácara — a casa misteriosa e decadente do título —, encontra escondida num quarto no interior de Minas Gerais uma *Pietà* invertida: o filho, André, tem nos braços a mãe moribunda. O mármore da estátua vira carne, osso e câncer na cena que abre o livro, já indicando um amor pouco convencional. Não corrente também é o fato de ele chamar a mulher de Nina, em vez de chamá-la de mãe; a única vez em que a chama dessa maneira, a mulher, mesmo à morte, acha forças para protestar: “Mãe! Você nunca me chamou de mãe... por que isto agora?”.

Parte dessa tão chocante quanto bela cena a história dos Meneses, família católica rica (mas não tão rica quanto a geração anterior e certamente mais empobrecida que os Meneses de cem anos antes) e excêntrica, que é uma espécie de cartão-postal para o inconsciente coletivo da região de Vila Velha, onde a Chácara fora construída havia séculos. Os Meneses vivem mais de memórias do que de dinheiro, são reclusos e de poucas palavras. No livro, são apresentados como “uma

família arruinada do sul de Minas, que não tem mais gado em seus pastos, que vive de alugar esses pastos quando eles não estão secos”.

Há na casa três irmãos: Demétrio, o mais velho; Valdo, o do meio; e Timóteo, o menor, mas já adulto e entrando numa decadência que imita a da casa. Além dos irmãos, temos os funcionários e uma agregada, Ana, a esposa de Demétrio. Mas não há nada que os pareça unir, a não ser a obrigação de morar sob o mesmo teto. A matriarca da casa é a própria casa — é a Chácara, com inicial maiúscula, como convém ao nome de uma pessoa. Suas alamedas são veias que irrigam o coração que é a casa-grande e o Pavilhão, um edifício abandonado no jardim do mesmo terreno. O Pavilhão é um órgão estranho e de função desconhecida, como um apêndice, que só serve para inflamar as relações familiares e oferecer um oásis da Chácara dentro da própria Chácara.

O equilíbrio mudo e precário da casa é rompido quando vem do Rio de Janeiro uma jovem linda, prometida em casamento para Valdo. Nina é uma lufada de brisa do mar que invade o interior de Minas, coisa insustentável para aquela casa que vive de um ar há séculos parado. Nina traz seus chapéus, seus vestidos com bordados e fru-frus supérfluos, e palavras que demonstram ambição demais para uma mulher, de quem se espera um comportamento em tons sóbrios, como o de Ana. Mas Nina é uma cor viva e chega ao interior proferindo frases como “ah, jamais tive paciência para ser pobre”, antes de descobrir que o marido faz parte de uma família tradicional e influente, mas com muito menos dinheiro do que ela havia previsto.

A chegada da forasteira nos conduz pelo mundo insular da Chácara — tão insular que as pessoas fadadas a morar ali passam a se reproduzir, às vezes literalmente, em cativeiro. “Essas velhas famílias

sempre guardam um ranço no fundo delas”, escreve Lúcio Cardoso. O ranço, no caso, é o irmão mais novo, que se isola em seu quarto, e há anos não tem contato com Valdo e Demétrio. Timóteo está trancado dentro de uma casa de trancados, como se fosse a menor boneca matriosca de todas — a que nunca será aberta, e que morrerá com um segredo enterrado dentro de si. É um personagem construído com mistérios. Veste-se com as roupas que foram da mãe. Esconde as joias que também foram dela. Seu único contato com o mundo externo a seu quarto é Betty, a governanta da Chácara.

“Acho que nasci com a alma em trajes de grande gala”, é uma das poucas explicações que Timóteo dá de si mesmo. De resto, ele não se justifica. Só vive. Vive trancafiado, acreditando que tem alguma ligação mística com Maria Sinhá, uma antepassada que sofria do que a família considerava uma maleita paralela à dele. Em vez de desmaiar e se entediar, como convinha a uma donzela, Maria Sinhá vestia roupas tidas como masculinas e saía pela fazenda, então maior e mais rica, açoitando escravos. Um dos momentos mais aflitivos do livro é o encontro de Betty, a governanta instada por Timóteo a procurar pelo passado, com o único retrato de Maria Sinhá, exilado por Demétrio no fundo do porão. Porque ela encontra o retrato da antepassada e vê nele semelhanças com Timóteo, que sente dividir uma alma com Maria Sinhá, mas ainda é visto pela família só como um doente. Uma aberração. Num conflito, um dos irmãos mais velhos de Timóteo ameaça interná-lo num manicômio, a fim de que ele se trate da sua loucura para todo o sempre: “Timóteo sempre foi um temperamento esquisito, de hábitos fantásticos, o que obrigou a família a silenciar sobre ele — como se silencia sobre uma doença”.

A narrativa de *Crônica da casa assassinada* é um exercício de claustrofobia literária. Os personagens estão presos na Chácara. Estão presos em costumes e tradições que não cabem mais. Estão presos em desejos que não podem nunca sair do coração deles. Estão presos nos seus pensamentos, que vertem para o papel. O leitor e a leitora, pelo contrário, ficam livres para navegar nos cantos, tanto da Chácara como das pessoas. O texto não tem um narrador único. É contado pelo ponto de vista espatifado de cada pessoa que passa pela Chácara e por seus moradores: o farmacêutico, o padre, o médico, a governanta Betty, os irmãos Meneses, Nina, Ana e André. Cada capítulo é uma missiva de um desses personagens tentando comunicar ao mundo o que acontece naquela casa sitiada: confissões religiosas que jamais serão entregues, diários, cartas, bilhetes de amor escondidos embaixo de tijolos soltos que ilustram a decadência da casa. Cada trecho tem beleza própria, conta um ponto de vista da história e reluz, mas, como nos vidros coloridos que compõem um vitral, as peças incorporadas ganham uma nova imagem e coam a luz que vem do mundo externo, que parece nunca alcançar a Chácara.

A história da Chácara é uma trança de muitas solidões. Como ponderaria Nina no meio do livro: “[...] ninguém compreende. A verdade é uma ciência solitária”. Mas ela esquece de dizer que não há verdade absoluta na obra maior de Lúcio Cardoso. Os relatos se contradizem, são influenciados por interesses pessoais e por paixões escondidas que contaminam a narrativa. Talvez, um dos muitos trunfos do livro seja mostrar que um fato é só uma questão de ponto de vista. Ou, como escreveria o autor em seus diários: “Eu não estou contando fatos, estou contando as experiências desses fatos”.

Porque a *Crônica da casa assassinada* tem muito de crônica da vida do próprio autor. Nascido também no interior de Minas Gerais, em Curvelo, em 1912, Lúcio Cardoso vinha de uma família de tradição. Era irmão de um deputado federal que depois viraria ministro do Supremo Tribunal Federal e irmão de outra escritora, Maria Helena Cardoso, que narrou as memórias da família em dois livros. Em entrevistas, ele admitiu que transplantou para a sua literatura o catolicismo reinante na sua família. Mas transformou a religião em manto estético que cobre a beatice dos personagens e garante uma voz na figura do padre. “O diabo, minha filha, não é como você imagina. Não significa a desordem, mas a certeza e a calma.”

A estreia de Cardoso na literatura se deu, inclusive, com um romance de inspiração familiar: *Maleita*, a história de um homem, inspirado pelo pai de Lúcio, que chega a uma cidade mineira com o intuito de levar o progresso financeiro para lá, mas se encontra com um povo desconfiado e cheio de segredos — alguns deles sombrios como os que são expostos em *Crônica da casa assassinada*. No seu segundo romance, *Salgueiro*, publicado dois anos depois, em 1935, o interior de Minas é substituído pelo morro de Salgueiro, onde nasceria a escola de samba carioca, para contar a história de três gerações, com uma abordagem mais personalista do que realista.

Contemporâneo de Jorge Amado, muito dava a crer que Lúcio seguiria por um caminho regionalista, retratando as Minas Gerais das quais saiu para ir morar e estudar no Rio de Janeiro. Seus primeiros dois romances foram bem recebidos pela crítica, e pareciam integrar a segunda fase do modernismo literário brasileiro, ao lado de obras de autores como Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. Mas Lúcio rumou cada vez mais para dentro. Não para dentro de um estado ou

do sertão, mas para dentro dos seus personagens: seus escritos passaram a ser cada vez mais psicológicos. A escrita claustrofóbica aparece neste romance nas seiscentas páginas, há meia dúzia de ações, e elas acontecem quase todas na cabeça dos protagonistas. É um livro de ação, mas de ações internas que correm no sangue dos personagens e rodopiam nas circunvoluções do cérebro. Essas ações internas revolucionaram também dentro do próprio Lúcio Cardoso, que em seus diários escreveu: “Todas as paixões me pervertem. Todas as paixões me convertem”.

“Não há pior sofrimento do que permanecer à margem”, registrou Lúcio, também em seus diários, no que parece ser uma fala que caberia a Timóteo. Mas, como Timóteo, que vive sozinho num quarto para poder ser a pessoa que é, Cardoso foi trafegando mais e mais para a margem com o avançar da vida, até que em 1959, aos 47 anos, lançou esta que é sua obra-prima. Logo depois da sua publicação, o crítico Olívio Montenegro ataca o livro no *Diário Carioca*, atribuindo a ele um “caráter imoral”. A resposta vem não de outros críticos, mas de autores como Manuel Bandeira e Aníbal Machado, que saem em defesa da obra, elogiando sua profundidade temática, riqueza formal e inovação. E o livro foi um sucesso. Não é de hoje que polêmica vende.

Na literatura, Lúcio Cardoso rompeu com regras, com tabus e com a corrente predominante da literatura do seu tempo, o regionalismo. Rompeu com a necessidade de mostrar as idiossincrasias de um país tropical, e decidiu focar num mergulho profundo pelos sentimentos dos seus personagens, que poderiam estar numa chácara perto de Vila Velha, mas também poderiam morar numa fazenda na periferia de Joanesburgo, ou numa chácara nos arredores de São Petersburgo. A

tradicional família brasileira deste livro é a tradicional família universal.

A maestria com que pintava mapas dos mundos que existem dentro dos personagens trouxe a Lúcio fama em vida. E trouxe também admiradores que bebiam da sua criação literária, e que se tornariam nomes conhecidos mundialmente. Lúcio Cardoso foi amigo e amor de Clarice Lispector, para quem por décadas a crítica quis empurrar um romance que pode não ter havido. “Enquanto escrevo levanto de vez em quando os olhos e contemplo a caixinha de música antiga que Lúcio me deu de presente: tocava como em cravo a ‘Pour Élise’. Tanto ouvi, que a mola partiu. A caixinha de música está muda? Não. Assim como Lúcio não está morto dentro de mim”, escreveu Clarice em janeiro de 1969 numa crônica no *Jornal do Brasil*. O autor foi um dos primeiros a trazer a público sua homossexualidade. Em 1949, dez anos antes de lançar seu romance mais conhecido, já dizia abertamente nos seus círculos mais próximos que era gay, e fazia, no poema “Receita de homem”, a lista do que um amante precisaria ter:

Depois deve ser alto,

sem lembrar o frio estilo da palmeira.

Moreno sem excesso para que se encontre

tons de sol de agosto em seus cabelos.

E nem louro demais para que, de repente

no olhar cintile algo da cigana pátria adormecida.

E que tenha mãos grandes, para demorados carinhos

e adeuses que se retardem ao peso do próprio gesto.

Pés grandes, também, por que não,

para que os regressos sejam breves

e haja resistência para as conjuntas caminhadas.

*Os olhos falem, falem sempre, falem
de amor, de ciúme, de morte ou traição.*

*Mas que falem. Porque o homem sem a música dos olhos
é como sepultura exposta ao sol do meio-dia.*

O embate com a norma às vezes pulava do campo das palavras. Lúcio Cardoso usou os punhos para combater o preconceito. José Lins do Rego estava na porta da livraria José Olympio, no centro do Rio, conversando com “camaradas marxistas”. O assunto era a indignação com *Mundos mortos*, romance de Otávio de Faria que havia sido publicado em 1937. A bronca de Lins do Rego e dos amigos era que o livro tratava de jovens lidando com a sexualidade (e a homossexualidade dentro de um colégio de padres), e não serviria para o que chamavam de “o bem social”. A edição de 21 de dezembro de 1960 do jornal *O Povo* narra que, bem nesse momento, Lúcio Cardoso chegou à livraria. No relato do diário, José Lins do Rego olhou para ele e disse: “Cambada de carolas, carolas, carolas!”. Lúcio parou e o questionou: “Que é?”. Rego respondeu: “Não é com você, é com o Otávio”, e teria feito uma piada homofóbica. Registrou-se que Cardoso respondeu com os punhos. “E há luta. Pancadaria!”, diz o jornal, e continua: “Apartaram... e quando apartaram o Sr. Lins do Rego — cabelo assanhado — foi lá para o fundo, resmungando, resmungando, apanhado...”. O próprio autor parecia ver algum divertimento nesses fatos. O trecho de *O Povo* que guarda o relato da briga foi encontrado pela pesquisadora Cássia dos Santos, da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), nos arquivos do próprio Lúcio Cardoso.

Como Timóteo, Lúcio teve um derrame cerebral. Mas, diferentemente do personagem, seguiu na lida da arte. Ainda que tivesse perdido os movimentos de um lado do corpo, o que o impedia de escrever, passou a pintar com mais frequência, isolado em sua casa. Enquanto isso, a *Crônica da casa assassinada* conquistava espaço. Ganhou com as décadas algumas novas edições, menos do que merecia. A prova disso é que virou objeto de culto, com tomos de seiscentas páginas por um salário mínimo na internet. Agora, a obra maior de Lúcio Cardoso volta a ser editada, e para novas gerações que poderão se encontrar nela.

O livro, fechado, é um tijolo que poderia ser usado para erigir uma parede no meio do sertão mineiro. Mas, aberto, o tomo ganha o peso de um pensamento: é leve, fluido, causa taquicardia como se fosse escrito com adrenalina. Ao fechar-se *Crônica da casa assassinada*, a Chácara fica tatuada na retina e passa a morar na mente. Ou, como o próprio Lúcio Cardoso escreve: “Mas a imagem da casa lacerada, como se fosse um corpo vivo, não me saía mais do pensamento”.

Italo Calvino elencou catorze critérios para um livro ser considerado um clássico. A sexta exigência é: “Um clássico é um livro que nunca exauriu tudo o que tem a dizer para os leitores”. Barbra Streisand, num palco de Las Vegas na virada do milênio, disse que uma obra clássica é qualquer arte que toque as pessoas, independentemente da geração a que essas pessoas pertençam. *Crônica da casa assassinada* satisfaz os dois critérios: consegue chocar e tocar alguém em 2021 tanto quanto tocou sessenta anos atrás.

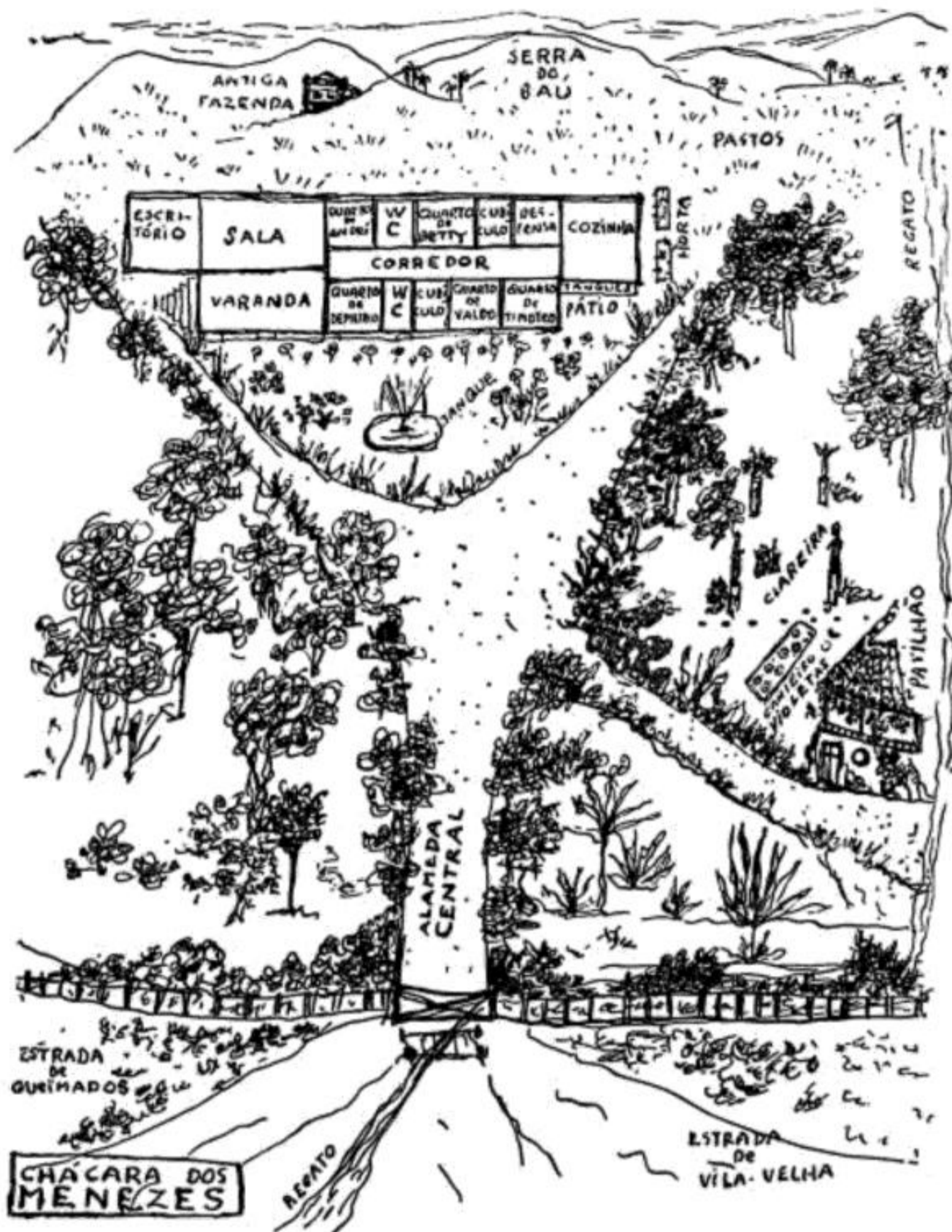
Seis décadas depois de sua publicação, *Crônica da casa assassinada* não perdeu sua pólvora. Pelo contrário, está mais presente do que nunca o potencial inflamatório de uma obra que tece incesto,

adultério, hipocrisia religiosa e fobia de tudo o que não é norma. Este livro é explosivo. E, por isso, um clássico.

A Vito Pentagna

Jesus disse: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do defunto: Senhor, ele já cheira mal, porque já aí está há quatro dias. Disse-lhe Jesus: Não te disse eu que, se tu creres, verás a glória de Deus?

São João XI, 39,40



Planta da Chácara dos Menezes. Coleção Ésio Macedo Ribeiro.

1. Diário de André

(conclusão)

18 de... de 19... — (... meu Deus, que é a morte? Até quando, longe de mim, já sob a terra que agasalhará seus restos mortais, terei de refazer neste mundo o caminho do seu ensinamento, da sua admirável lição de amor, encontrando nesta o aveludado de um beijo — “era assim que ela beijava” — naquela um modo de sorrir, nesta outra o tombar de uma mecha rebelde dos cabelos — todas, todas essas inumeráveis mulheres que cada um encontra ao longo da vida, e que me auxiliarão a recompor, na dor e na saudade, essa imagem única que havia partido para sempre? Que é, meu Deus, o para sempre — o eco duro e pomposo dessa expressão ecoando através dos despovoados corredores da alma — o para sempre que na verdade nada significa, e nem mesmo é um átimo visível no instante em que o supomos, e no entanto é o nosso único bem, porque a única coisa definitiva no parco vocabulário de nossas possibilidades terrenas...

Que é o para sempre senão o existir contínuo e líquido de tudo aquilo que é liberto da contingência, que se transforma, evolui e deságua sem cessar em praias de sensações também mutáveis? Inútil esconder: o para sempre ali se achava diante dos meus olhos. Um minuto ainda, apenas um minuto — e também este escorregaria longe

do meu esforço para captá-lo, enquanto eu mesmo, também para sempre, escorreria e passaria — e comigo, como uma carga de detritos sem sentidos e sem chama, também escoaria para sempre meu amor, meu tormento e até mesmo minha própria fidelidade. Sim, que é o para sempre senão a última imagem deste mundo — não exclusivamente deste, mas de qualquer mundo que se enovele numa arquitetura de sonho e de permanência — a figuração de nossos jogos e prazeres, de nossos achaques e medos, de nossos amores e de nossas traições — a força enfim que modela não esse que somos diariamente, mas o possível, o constantemente inatingido, que perseguimos como se acompanha o rastro de um amor que não se consegue, e que afinal é apenas a lembrança de um bem perdido — quando? — num lugar que ignoramos, mas cuja perda nos punge, e nos arreбата, totais, a esse nada ou a esse tudo inflamado, injusto ou justo, onde para sempre nos confundimos ao geral, ao absoluto, ao perfeito de que tanto carecemos.)

... Durante o dia inteiro vaguei pela casa deserta, sem coragem nem sequer para entrar na sala. Ah, com que intensidade eu sabia que ela já não me pertencia mais, que era apenas uma coisa despojada, manejada por mãos estrangeiras, sem ternura e sem entendimento. Longe de mim, bem longe agora, iriam descobrir suas formas indefesas — e com esse triste afã dos indiferentes, trabalhariam sua última *toilette*, sem sequer imaginar que aquela carne já fora viva e estremecera em tantos assomos de amor — que já fora mais moça, mais esplendorosa do que toda juventude que se pudesse supor desabrochada por esse mundo afora. Decerto não era aquela a sua morte, pelo menos eu não a imaginara assim, nos raros, nos difíceis momentos em que conseguira imaginá-la — tão brutal e positiva, tão arrancada do fundo

como uma planta nova extirpada da terra, tão injusta, na violência da sua agressão.

Ah, era inútil lembrar o que ela fora — mais do que isto, o que havíamos sido. A explicação se achava ali: dois seres atirados à voragem de um acontecimento excepcional, e subitamente detido — ela, crispada em seu último gesto de agonia, eu, de pé ainda, sabia Deus até quando, o corpo ainda vibrando ao derradeiro eco da experiência. Nada mais me apetecia senão vagar pelas salas e corredores, tão tristes quanto uma cena de que houvesse desertado o ator principal — e todo o cansaço dos últimos dias apoderava-se do meu espírito, e a sensação do vazio me dominava, não um vazio simples, mas esse nada total que substitui de repente, e de modo irremissível, tudo o que em nós significou impulso e vibração. Cego, com gestos manobrados por uma vontade que não me pertencia, abria as portas, debruçava-me às janelas, atravessava quartos: a casa não existia mais.

Sabia disto, e qualquer consolo me era indiferente, nenhuma palavra de afeto ou de revolta poderia me atingir. Como um caldeirão já retirado do fogo, mas em cujo fundo ainda fervem e fumegam os detritos em mistura, o que me dava alento eram os restos daquele período que eu acabara de viver. No entanto, como movido por uma força que mal acabara de repontar em meu ser, uma ou duas vezes me aproximei da sala em que ela jazia, entreabri a porta, olhei de longe o que se passava. Tudo era de uma repugnante banalidade: dir-se-ia a mesma cena que estava acostumado a ver desde a infância, caso não a transfigurasse, como um sopro potente, invencível, esse hálito sobrenatural que percorre todo ambiente tocado pela presença de um cadáver. Da mesa da sala de jantar, que já servira em sua longa vida

para tantas refeições em comum, para tantas reuniões e concílios de família — ela mesma, Nina, quantas vezes não fora julgada e dissecada sobre aquelas tábuas? — haviam feito uma essa provisória. Nos cantos, dispostas por essas mãos que a pressa inventa exatamente para momentos semelhantes, quatro velas solitárias. Velas comuns, recendendo a comércio barato, provavelmente vindas do fundo de alguma gaveta esquecida. E dizer-se que isto era a paisagem do seu último adeus, o cenário que comportava sua derradeira despedida.

Tornava a fechar a porta, sentindo que me era impossível imaginá-la morta. Nenhum outro ser parecia mais imune e mais afastado da destruição. Mesmo nos últimos dias, quando já não havia possibilidade de imaginar outro desenlace, mesmo nessas ocasiões em que, através do silêncio e da indulgência, percebemos aterrorizados a condenação de que não se pode mais duvidar, mesmo assim não podia supô-la na situação em que eu agora a via, estendida sobre a mesa, enrolada num lençol, um cordão amarrando-lhe as mãos, olhos fechados, o nariz sobressaindo inesperadamente aquilino. (Lembrava-me da sua voz: “Meu pai sempre dizia que eu tinha um pouco de sangue judeu...”.) Nenhum outro ser existira mais intensamente preso à mecânica da vida, e seu riso, como sua fala, como sua presença inteira, era um milagre que acreditávamos destinado a subsistir a todos os desastres.

Divago, divago, e ela não se acha mais aqui. Que adianta dizer, que adianta pensar essas coisas? Em certos momentos a consciência desta perda atravessa-me com uma rapidez fulgurante: ah, finalmente vejo-a morta, e a mágoa de tê-la perdido é tão grande que chega a interceptar-me a respiração. “Por quê, por quê, meu Deus”, exclamo baixinho. Apoio-me à parede e todo o sangue aflui às minhas

têmporas, enquanto meu coração bate num ritmo descompassado. Que dor é esta que me aflige, que espécie de sentimento é este, de tão funda insegurança, de uma tão absoluta falta de fé e de interesse pelos meus semelhantes? Mas tudo isto, no entanto, não ocorre senão pelo espaço de um segundo. A força da existência comum, o fato de ter vivido ainda ontem, de ter tocado meu braço com suas mãos ainda quentes, de haver formulado um simples pedido como o de fechar uma janela, como que reconstrói a calma aparente do meu ser, e eu repito de novo, devagar, é certo, mas já sem grande desespero, sem que todo o meu íntimo sangue ante essa irremovível verdade, que ela se acha morta — e sinto que não creio mais, que uma última esperança ainda cintila em mim. No fundo do pensamento, em não sei que passiva região, imagino que ao amanhecer ela ainda reclamará suas flores, aquelas mesmas flores que nos derradeiros tempos cercavam-na, não como um adorno ou um consolo, mas do modo aflitivo e desesperado de quem procura ocultar sob seu efeito a indiscrição de uma miséria latente. Tudo se aquieta em mim, a mentira me torna redivivo. Continuo imaginando que logo após descerei as escadas da Chácara e irei catar violetas pelos canteiros mais distantes, lá para os lados do Pavilhão, onde ainda sobram antigas touceiras em meio ao mato; calculo que, contornando a horta, e exatamente igual a todos os dias, farei um pequeno buquê no centro de uma folha de malva-cheirosa, enquanto irei repetindo, como se essas palavras tivessem o dom de consumir os derradeiros vislumbres da realidade: “É para ela, são dela essas flores”. Domina-me uma espécie de alucinação; mais uma vez ouço nitidamente sua voz — lenta e sem timbre — que suplica: “Na janela, meu bem, ponha essas flores na janela”. E vejo-a finalmente, intata, perfeita no seu triunfo e

na sua eternidade, erguida junto a mim com as violetas apertadas de encontro à face.

Mas regresso devagar ao mundo que me rodeia. Não muito longe, provavelmente num canto da varanda, alguém comenta o calor reinante, enxugando a testa molhada de suor. Tento refazer de novo o sortilégio — em vão, a voz não existe mais. Pela vidraça entrevejo o sol que arde sobre os canteiros esturricados. Tateando com cautela um mundo que de novo desconheço, atravesso o corredor e atinjo mais uma vez a sala onde o corpo se acha exposto. Sei que há uma fome quase criminosa no meu gesto, mas que importa? Precipito-me sobre o caixão, indiferente a tudo e a todos que me rodeiam. Vejo Donana de Lara que recua com uma expressão de escândalo, e tia Ana que me olha com evidente repulsa. Duas mãos pálidas, torneadas no silêncio e na avareza, escorregam sobre o lençol, compondo-o — imagino que pertençam a tio Demétrio. Repito, que me importam eles? Já nada existe daquilo que por bem ou por mal era a única coisa que nos unia, Nina: agora, estão para mim irremediavelmente confundidos às coisas sem nome e sem serventia. Descubro o rosto adorado, e espanto-me de que conserve uma tal serenidade, que me imponha uma tão grande distância, a mim, que fui seu filho mais do que idolatrado, que tantas vezes cobri de beijos e de soluços aquelas têmeoras que agora o calor já vai embranquecendo, que colei meus lábios aos seus lábios duramente apertados, que aflorei com minhas mãos a curva cansada do seu seio, que lhe beijei o ventre, as pernas e os pés, que só vivi para a sua ternura — e morri também um pouco por todas as veias do meu corpo, pelos meus cabelos, pelo meu sangue, pelo meu paladar e pela minha voz — enfim por todas as minhas fontes de energia — quando ela consentiu em morrer, e morrer sem mim...

... na penúltima noite, como aguardássemos o fim, ela pareceu melhorar de repente, e permitiu que eu me aproximasse. Não a via há muitos dias, pois caprichosa e geralmente de um mau humor que assustava até ao próprio médico, pedia que não deixassem entrar ninguém, que proibissem as visitas: queria morrer sozinha. De longe ainda, e apesar da penumbra em que se achava mergulhado o quarto — também era muito raro que permitisse abrir as janelas — divisei sua cabeça abatida sobre um monte de travesseiros, os cabelos despenteados, como se há muito não cuidasse deles. Confesso que naquele momento tive medo de que as forças me faltassem, e não pudesse avançar: um suor frio começou a escorrer-me pela testa. Mas não tardei em reconhecê-la, pois suas primeiras palavras foram de reprovação, como sempre:

— Ah, é você, André. Isto é uma imprudência, não sabe que o médico me recomendou absoluto repouso?

E adoçando um pouco a voz:

— Além do mais, que é que você quer no meu quarto?

Apesar dessas palavras, ela sabia muito bem, e particularmente naquele minuto, que qualquer fingimento entre nós era absolutamente desnecessário. Não fora eu quem pedira para entrar, ela é que mandara abrir a porta — e cedendo a que impulso, a que necessidade íntima de tomar pé na vida que se desenrolava lá fora? Talvez soubesse que durante horas e horas, dias e dias, eu não me afastara da soleira de sua porta. Qualquer ruído que viesse dali me interessava — uma fímbria de luz, um odor de remédio, um eco — tudo fazia meu coração bater em sobressalto. Assim, abaixei a cabeça e não respondi coisa alguma. Era bem verdade que eu aceitaria tudo, tudo, para que ela consentisse, e eu ficasse um pouco mais ao seu lado.

Mesmo que fosse se extinguindo, mesmo que o alento fosse pouco a pouco desaparecendo dos seus lábios, eu queria estar presente, queria sentir-lhe o mecanismo humano vibrando até que se rompesse a última corda. Nina, vendo meu silêncio, levantou-se um pouco sobre os travesseiros, suspirou e pediu-me que lhe trouxesse um espelho. “Queria consertar o rosto”, disse. E eu já ia saindo, quando ela me chamou de novo. Desta vez sua voz era diferente, quase carinhosa, bem semelhante ao modo como me tratava noutros tempos. Voltei-me, e ela pediu que eu trouxesse não somente o espelho, mas um pente, o vidro de loção, pó de arroz. Disse essas coisas como se estivesse fazendo uma brincadeira, mas não me enganei, e compreendi que espécie de agitação surda e amarga lavrava em seu íntimo. Corri à procura dos objetos pedidos e voltei a sentar-me ao seu lado, desejando examinar em seus últimos refolhos a alegria que ainda poderia sentir. Ela tomou primeiro o espelho e, devagar, como se pretendesse evitar um susto, procurou ver a imagem que nele se refletia — olhou-se durante algum tempo, depois suspirou e ergueu os ombros, como quem dissesse: “Que me importa? Algum dia tenho de me resignar a não ser mais bonita”. Ah, era verdade que se achava muito longe do que fora, mas para mim ainda existia nela a mesma secreta atração que me prendera um dia. Esse gesto simples, esse erguer de ombros, provou-me no entanto que a ideia de morrer se achava mais distante dela do que parecia. Essa impressão ainda mais se acentuou quando, apoiando-se um pouco sobre meu braço, indagou num tom que se esforçava para ser confidencial, e apenas se distinguia por uma reservada angústia:

— Diga-me, André... ele sabe que estou assim, às portas da morte? Ele sabe que é o fim?

Olhava-me como se me desafiasse, e todo seu ser, concentrado e atento, indagava-me: “Não está vendo como eu sofro à toa? Pode dizer-me a verdade, sei que não estou morrendo, que ainda não chegou a minha hora”. Não sei mais o que respondi — “ele”, meu pai, que importava! — e voltei a cabeça, precisamente porque sabia que sua última hora havia chegado, e que daquela cama de agonizante ela não se levantaria mais. Nina percebeu o que se passava comigo e, pousando a mão sobre meu braço, esforçou-se para rir:

— Ah, André, vou contar uma coisa a você: estou boa, estou quase boa, não sinto mais aquelas coisas de antigamente... Acho que ainda não é desta vez que vocês se livrarão de mim.

E envolvendo-me num hálito morno, doentio:

— Já estou pensando no que ele vai dizer, quando me vir de pé...

Eu acreditava quase que sua fabulosa energia houvesse dominado, afinal, os germes da morte depositados em sua carne. Apoiada aos travesseiros — reclamava sempre novos, de paina leve e fresca — o busto ligeiramente inclinado para a frente, ia alisando os cabelos embaraçados, enquanto eu sustinha o espelho diante dela. Um fogo divino, uma presença maravilhosa parecia de novo inquietar-se em suas entranhas.

— Aqueles tempos bons não vão de voltar, hem, André? — ia dizendo enquanto tratava os cabelos endurecidos pela febre — e você há de ver que tudo será bom como no começo. Não me esqueço nunca...

(Esses tempos, como eu queria livrar-me deles! Não haveria para ela, ai de mim, continuidade no tempo, mas eu prosseguiria, e quem iria me fazer companhia nessa extensa jornada?) Vendo meu silêncio, ela voltava a cabeça, piscava-me, a fim de evidenciar que não se achava extinta nela a memória daqueles dias que em vão eu procurava

sepultar no esquecimento. E, coisa estranha, apesar daquele movimento de vivacidade, apesar do ar que ela desejava colorido e moço, havia em sua fisionomia certo tom petrificado, que dava àquele piscar de olhos o aspecto de um esgar melancólico.

— Sim, mãe — balbuciei, deixando pender a cabeça.

Ela lançou-me um olhar onde brilhava ainda um pouco de sua velha cólera:

— Mãe! Você nunca me chamou de mãe... por que isto agora?

E eu, atônito, sem poder impedir que o espelho tremesse em minhas mãos:

— Sim, Nina, voltarão os velhos tempos.

Ela continuava a pentear os cabelos, esforçando-se para desmanchar os nós — e em toda ela, aureolando-lhe a fisionomia exangue, era realmente a única coisa que ainda parecia ter vida: através das ondas que iam se refazendo, uma nova primavera, misteriosa e transfigurada, recomeçava a escorrer em seu sangue.

— Você não terá mais raiva de mim, André, nem terá de ficar muito tempo me esperando no banco do jardim. — De súbito, como se cedesse ao impulso da cena evocada, sua voz se fazia veludosa, de uma melancolia infantil e feminina, onde eu sentia pulsar de novo, com que emoção, toda a força de sua alma amorosa. — Nunca mais eu me esconderei como daquela vez, lembra-se? e nem arrumarei minhas malas para viajar sozinha.

Lágrimas, paisagens, sentimentos passados — que valia tudo aquilo agora? Aos meus olhos ela se desfazia como um simples ser de espuma. Não era a traição, nem a mentira e nem o esquecimento o que a fazia soçobrar sem que eu pudesse vir em seu auxílio — era

exatamente o ímpeto do que existira, e era assim tão cruelmente lembrado.

— Pelo amor de Deus! — exclamei.

Então, ainda vibrando, o pente numa das mãos, ela fitou-me como se acordasse. E bruscamente uma enorme escuridão subiu aos seus olhos.

— Você não entende, você é bobo! — disse.

E suas mãos, cheias de gula — que prova requeria ela, que testemunho apagado, que reminiscência de vida? — procuravam as minhas sobre a colcha. Eu a via inclinar-se e adivinhava-lhe os seios magros por dentro da camisola. Ela interceptou meu olhar e rapidamente puxou a roupa, num movimento de pudor não pela sua nudez, mas pelo aleijão que representava agora. Voltei a cabeça, procurando esconder as lágrimas que me subiam aos olhos. Pobre, e fora inteira, com os dois seios florescendo vivos sobre a carne. Movida por um impulso diabólico, ela se desnudou de novo, brutalmente, enquanto me sacudia:

— Bobo, por que não hão de voltar os bons tempos? Você pensa que tudo se acaba assim? Não pode ser, não é possível. Não sou tão feia assim, não me tiraram tudo, pode olhar... — e puxava-me, enquanto eu mantinha a cabeça voltada — pode ver que nem tudo se acabou ainda. Se Deus quiser, vamos para uma cidade grande, onde a gente possa viver sem que ninguém se importe com nossa vida. (Acreditaria ela no que estava dizendo? Suas mãos relaxaram meu braço, seu tom de voz se alterou.) Ah, André, como tudo passa depressa.

Calou-se, e vi que ofegava. Já as cores, tão fictícias, fugiam-lhe das faces, enquanto a cabeça descaía para trás. Menos do que as palavras

despendidas, o que parecia abatê-la mais era a visão desse falso paraíso que evocava. Procurei reanimá-la, dizendo:

— Nina, você tem razão. Iremos para uma cidade grande — o Rio de Janeiro, por exemplo — onde ninguém se importe conosco.

E comigo mesmo pensava: eu não podia odiá-la, estava acima das minhas forças. Deus ou o diabo que me houvesse gerado, minha paixão elevava-se acima das contingências terrenas. Nada mais conhecia senão a sensação daquele corpo ofegando em meus braços — e ofegava de um modo tão preciso no seu transe de morte, como estremecera outrora nas suas horas de amor. No mais íntimo do meu pensamento, eu tinha certeza de que nada mais poderia salvá-la, e para o jogo que tentávamos não serviam mais as pedras que tínhamos em mão. Amor, viagens, que significavam ainda essas palavras? No tabuleiro vazio, o destino havia colocado afinal seu irrefutável tento preto. A solução já não dependia de nossa vontade, nem das ações que cometêssemos, fossem elas boas ou más — a paz, por que tanto havíamos ansiado, seria dagora em diante uma estação de renúncia e de luto.

No entanto, nem eu próprio sabia o que me levava a pensar daquele modo — talvez exagerasse, talvez cedesse ao meu temperamento melancólico. Não se achava ela melhor, não conversava, não imaginava planos, como antigamente? Mas alguma coisa mais forte do que eu mesmo, do que minha triste certeza e a inábil previsão dos fatos, dizia-me que precisamente aquelas frases ditavam o impulso final, e que a morte erguera à sua cabeceira o decreto de férias eternas. Podia ela tentar ainda os últimos recursos, podia rir e insultar-me, ou dizer que partia e abandonava Vila Velha para sempre, ou apenas devorar-me de beijos e de mordidas — eu sabia que agora fitava em

torno com olhos que já não eram mais deste mundo, e eu tinha forças para tudo, menos para mentir diante desse olhar. O que vinha nele erguia-se com o impulso de uma seiva ascendendo ao longo de um caule — só que a ramaria se achava morta, e nenhuma flor brotava mais desta paisagem em despedida. Sim, decerto ainda era um beijo, uma carícia — mas dirigiam-se a mim como se eu não estivesse mais naquele lugar. Não sua alma, mas seus lábios apenas, impregnados dessa saliva grossa que era como o último resíduo da paixão terrena e do esforço da carne, tentavam reanimar o delírio da vida passada. Faces, situações, paisagens, borbulhavam no fundo dessa procura. E eu me calava, confrangido. Através de seus esforços, ela devia sentir o meu silêncio. Na sua febre, devia imaginar que fosse ainda o ressaibo de uma das nossas zangas antigas — e talvez, cega, ainda me supusesse subjugado às perspectivas que ainda me traçava, mas nas quais eu não acreditava mais. É que eu tinha consciência de que já nos achávamos diante da cena final, e um soluço seco, irrefreável, atravessava-me a garganta — soluço que jamais rebentava, mas que permanecia sempre, e me impedia de pronunciar a menor frase que fosse. Então, devagar, sua mão roçou minha face, deslizou até meus lábios.

— Ah, é assim? — exclamou num tom de inexprimível tristeza. — É assim que você me agradece, quando eu o deixei vir para o meu lado? Tenho certeza, André, de que você já se esqueceu de tudo.

Ainda algum tempo seus dedos afagaram-me o rosto, experimentaram-me os lábios — como se deles procurassem arrancar a palavra que tardava — e depois, novamente endireitando-se na cama, retomou o pente e pôs-se a alisar os cabelos, num gesto mecânico. Uma ou outra vez, como uma luz que esmorece aos poucos, vi um relâmpago que ainda atravessava seus olhos — mas era

o sinal de uma tempestade que se afasta, deixando o campo adormecido e entregue aos seus ímpetos desmanchados. E eu não podia dizer que noite já adivinhava chegando sobre a paisagem que a compunha, que odor de mofo e de sepultura já sentia crescendo de suas palavras.

— Está certo, André — tornou depois de algum tempo. — Está certo. Já sei de tudo: você encontrou afinal o seu caminho. Bastou que eu me afastasse, para saber que estava pisando num caminho errado. — De grave, sua voz passou a um tom aliciador, canalha. — Mas você não pode viver sem mulheres, André; aposto como já arranjou uma das empregadas da Chácara... uma conquista fácil, não foi?

Então a dor em mim foi maior do que tudo, e eu bradei com violência:

— Nina!

Como me inclinasse sobre ela, afastou-me quase com violência:

— Não me chame assim, está proibido de me chamar assim.

Voltei ao meu lugar, cedendo ao tom daquela voz que desta vez tanto me lembrava a Nina autoritária do passado. Ela contemplou-me em silêncio durante algum tempo, e sem dúvida sentiu-se satisfeita com o efeito de suas pérfidas palavras. Baixo, como quem avalia o resultado do que vai dizer, continuou:

— Posso até jurar como já pensa na hora da minha morte. Quer se ver livre de mim...

— Não! Não! — atalhei, desesperado, atirando-me sobre as cobertas. — Como pode ser ruim assim, como tem coragem para dizer essas coisas? Você gosta de me ver sofrer, Nina, sempre gostou...

Sim, eu sabia, mas que me importava naquele instante? Que me importava qualquer outra coisa que não fosse abraçá-la, cobri-la de

beijos, afirmar uma última vez, antes que ela partisse, que só nós existíamos, e que o céu, o inferno e tudo o mais eram noções infantis e sem importância? Deitado, a cabeça mergulhada entre as colchas que eu amarfanhava com as mãos, permitia enfim que minhas lágrimas corressem livremente — e sentia seu talhe estremecer ao toque das minhas mãos, fugindo, deixando afagar-se, tão sensível como uma planta açoitada pela fúria do vento. Só neste único minuto em que revelava toda a extensão do meu desamparo, a paz pareceu descansar em seu coração. Devagar, tocou-me os cabelos, acariciou-os:

— Sou tão miserável, André, tenho tanto ciúme. E no entanto, você vai ficar aí, e eu tenho de partir... — e soluçava baixinho, como se não ousasse elevar o tom, e nem enxugar as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Ergui a cabeça e limpei-lhe os olhos com a ponta da colcha.

— Nina, não há ninguém em minha vida. Juro como não há ninguém. Como poderia haver quem quer que fosse, depois de tê-la conhecido? — Aos poucos, e como não se importasse ela, fui descansando a face sobre seu colo. Ah, que me importava que estivesse doente, e naquele flanco onde tantas vezes meus lábios ávidos haviam corrido, desabrochasse agora a boca tumefata e sequiosa da decomposição...

Então, com força, ela segurou minha cabeça entre suas mãos, e seus olhos perdidos fixaram-se nos meus:

— Jura, jura de novo para que eu possa acreditar! Você não teria coragem para mentir a uma mulher que estivesse prestes a partir deste mundo, teria?

— Nunca — menti, e havia uma calma decisão na minha voz.

— Então jura, jura agora! — implorou.

Jurar que não havia outra mulher em minha vida, jurar que ela não se achava às portas da morte, jurar o quê, meu Deus? E no entanto jurei, o rosto colado contra o seu seio. Jurei, e teria jurado tudo o que ela quisesse, e cometido todos os perjúrios, se disto dependesse a tranquilidade do seu espírito. Quando ergui a cabeça, seus olhos rebuscaram os meus, e havia neles uma impressão alienada e cheia de susto, como nos olhos de certos animais. Dir-se-ia que vislumbrava acima de mim, de minhas palavras, um mundo cujo entendimento já não lhe pertencia mais. Deixou escapar um suspiro, afastou-me e voltou a pentear morosamente os cabelos. Mas devia ter gasto muitas forças, pois o pente caiu-lhe das mãos e, mortalmente pálida, exclamou:

— André!

Tomei-a entre os braços, recostei-a de encontro aos travesseiros. Ofegava. O silêncio tombou sobre nós e, através desse silêncio, como se dilacerassem uma bruma até aquela hora onipotente, os objetos usuais da doença — frascos de remédio, rolos de algodão, ampolas, tudo o que se acumulava em torno e que, por um momento, eu havia conseguido subtrair do pensamento — repontaram cheios de força. De pé, eu a examinava: uma máquina desconhecida, trabalhando não sei que tecelagem escura e mortal, recomeçou a funcionar no seu íntimo. Não poderia dizer quanto tempo levamos assim, até que afinal ela voltou a si e disse:

— Que foi? Que se passa comigo?

Tentei acalmá-la, dizendo que ainda estava fraca, e provavelmente falara mais do que devia. Ela moveu a cabeça negativamente e respondeu com estranha calma:

— Não. Este minuto foi como um aviso. Não há dúvida, André, é o fim que está chegando.

Tomou novamente minha mão entre as suas, e ficou quieta. Alguém, não muito longe de mim, fez um gesto na obscuridade. Era hora, eu devia partir. Mas sentia o tempo escorrer em meu ser, e fixava-me naquele lugar como se houvesse adquirido raízes. O médico aproximou-se, tocou-me no ombro — era um moço tímido, que havia chegado há poucos dias do Rio — e indicou-me a porta como se dissesse que era inútil mais qualquer esforço. O mundo se reapossava do meu sonho. Antes de sair, no entanto, olhei para trás uma última vez: Nina dormia, mas nada em sua fisionomia denotava qualquer semelhança com uma pessoa viva.

... (Naquela noite passei interminavelmente pelo jardim, rondando a janela acesa do quarto em que ela se achava. A sombra do médico deslizava contra o fundo branco da parede. Em determinado momento, vi meu pai que se inclinava, e seu aspecto pareceu-me mais abatido do que nunca. Que sofreria ele, que sentimentos ocultaria no fundo do peito, que orgulho triste e inteiramente descabido naquela hora? Pensei mesmo em dirigir-lhe a palavra, em meu espírito chegou a se formar um movimento semelhante a uma intenção de consolo, mas meus lábios recusaram-se a pronunciar o menor som e, quando o encontrei na escada, também ele procurando a solidão do jardim, deixei-o passar, duro, sem poder fazer um gesto sequer.)

... Ao colocar as flores no seu colo, ela reabriu os olhos e vi então que já parecia inteiramente ausente deste mundo. Poderia repetir ainda os mesmos gestos dos vivos, pronunciar até palavras semelhantes — mas a força vital já se despedia do seu corpo, e ela se achava nesta fronteira indevassável de onde os mortos espiam

indiferentes a área por onde transitamos. Mesmo assim, por um esforço de sobrevivência, ou quem sabe por uma simples imposição do hábito, tomou as violetas nas mãos e levou-as devagar às narinas — tal qual fazia nos tempos passados, com a diferença que não sorvia mais o perfume com a mesma sofreguidão, e seu gesto de agora era relaxado e mole. O braço descaiu e as violetas espalharam-se sobre a cama.

— Não posso — disse.

Também nada mais reconheci naquela voz — era um produto mecânico e frio, um som emitido com dificuldade, audível ainda, mas sem consistência, com a flacidez morna do algodão. Não tive coragem para dizer coisa alguma e fiquei simplesmente ao seu lado, pedindo a Deus, com lábios que não tinham nenhum calor da fé, que me transmitisse um pouco daquele sofrimento. Advertida talvez por essa última consciência dos moribundos, que os faz bruscamente destacar uma minúcia do amontoado em que as formas se aglutinam, fitou-me. Depois, com um lampejo de compreensão, procurou ocultar o que se passava com ela, e voltou a cabeça para o lado. Assim ficamos, perto e distantes, tendo entre nós dois a poderosa presença que nos dividia. Eu jurara que seria sensato e que forçaria a dor a calar-se no fundo do meu coração, não porque me importasse sua repercussão aos olhos alheios, mas unicamente a fim de evitar a criação dessa tensa atmosfera de adeus que circula em torno dos agonizantes. Vendo-a porém já meio submersa na noite, e tão apartada de mim como se sua presença fosse apenas memória, sentia galopar em meu peito o ritmo de um desespero, de uma raiva que não se continha mais. E por uma bizarra coincidência — ou, quem sabe, precisamente pelo inelutável da hora — eu adivinhava que em nossas memórias subiam apenas

imagens do tempo esgotado. (Ela, à borda da água, no dia em que, desejando-a tanto, tocou-me os lábios com os dedos, dizendo: “Você nunca beijou ninguém...” — ou esse outro dia em que, sentada num tronco abatido, vergastou-me de súbito as pernas, exclamando: “Mas você já é um homem!”. E tantas outras lembranças que agora chegavam, e iam se multiplicando como sob o efeito de um entorpecente, desenlaçando-se como uma gigantesca espiral colorida, e onde avultava sempre, como um sol visto de todos os lados, a sua figura resplandecendo.)

Ela voltou-se para mim como se também houvesse descoberto meu pensamento:

— Seria tão bom, André, se de novo pudéssemos viver como antigamente!

Sem ousar aprofundar seu pensamento, todo ele cheio de ideias pecaminosas que devia repelir naquele supremo instante, sua mão roçou uma das violetas abandonadas, ergueu-a como se tentasse arrancar do passado seu humilde testemunho, depois abandonou-a — a flor tombou no assoalho.

— Mas talvez... talvez — murmurei, sem nem ao menos saber direito o que dizia.

Uma desesperada chama, possivelmente seu último apelo à vida material que se afastava, reacendeu-se àquelas palavras.

— Talvez! — e sua voz vibrou pelo quarto inteiro. — Ah, talvez, quem sabe, André?

E tentou levantar-se. Sua mão fria, de ossos salientes, obrigou-me a vergar, enquanto mais uma vez, com uma sede idêntica à do viajante que entorna as derradeiras gotas de água existentes no fundo do cantil, seus olhos me buscavam — e devoravam-me o tecido exterior, a

trama íntima, a figuração derradeira que me constituía e me erguia o ser, para aprofundar-se além dessa coisa cerrada e triste que é o âmago da matéria, o laço umbilical, e pervagar através da minha essência, lúcida e cambaleante, à procura da veracidade do amor que nos unira — e a palavra enfim, o adeus, a força, a sugestão e o carinho, que haviam feito de mim a criatura entre todas única que sua paixão havia escolhido. Uma nuvem escureceu-me a vista, apoiei-me à cama para não cair.

— Quem sabe — disse ela ainda — quem sabe não seja isto o fim de tudo. Acontece tanta coisa, tanta gente se salva.

E afogando-me em seu hálito ardente:

— Você acredita que haja milagre, André? Acredita que haja ressurreição?

Como eu demorasse a responder, e me sentisse violentamente jogado contra paredes escuras e sem vibração, ela sacudiu-me, numa impaciência que lhe duplicava as forças:

— Você prometeu que não me diria uma só mentira. Vamos, fale, pelo amor de Deus: o milagre existe?

— Não — respondi, e eu próprio me assustei com a calma da minha voz. — O milagre não existe. E não há ressurreição para ninguém, Nina.

O silêncio que sucedeu a essas palavras foi tão grande, que senti como se houvesse baixado sobre nós um inesperado crepúsculo. Em seus lugares, frios, os objetos perdiam sua última luminosidade, e convertiam-se em quietas formas de ferro. Quando ela voltou a falar, foi como se sua voz subisse do fundo de um poço:

— Iremos para longe, André. Como me faz mal esta cidade, esta casa. E há outros lugares, juro como há outros lugares, onde

poderemos ainda viver e ser felizes.

Não me contive mais e fiz um esforço para libertar-me. Aquilo ultrapassava tudo o que eu poderia suportar. Preferia a distância e o isolamento, preferia não vê-la nunca mais, a ser submetido àquele inquérito frente a frente, e no qual não me era permitido o menor subterfúgio. Ela sentiu minha relutância e seus olhos se enevoaram.

— Você quer fugir de mim, não é? Você quer fugir, André, sinto que já não é o mesmo de antigamente.

Não sei que força sobre-humana impulsionava-a naquele minuto, mas o certo é que, sob pressão daqueles sentimentos, conseguira sentar-se na cama, apesar do suor que lhe escorria pelo rosto magro, e de respirar aos arrancos, como se estivesse prestes a desfalecer. Agora, em vez de reter-me apenas a mão, puxava-me o braço, o corpo todo, num derradeiro esforço para me submeter. Eu relutava, porque temia vê-la sucumbir entre meus braços. Abaixei-me, sem contudo ceder completamente à sua vontade — e como continuasse ela a me puxar, de vez em quando, nesta luta, sua face quase roçava a minha, eu sentia subir até às narinas aquele bafio de corpo doente e longamente retido entre cobertas. Isto, no entanto, não me despertava senão uma intensa e desoladora piedade. Este esforço durou talvez o espaço de um minuto e, compreendendo afinal que ia perder, não sei que instinto a moveu, nem que essência feminina ferida e ultrajada comandou o seu gesto — sei apenas que, erguendo a mão, desferiu-me uma bofetada. A mão bateu-me flácida no rosto, e eu fitei-a, estupefato, com olhos onde não existia nem sequer o menor vislumbre de rancor.

Contemplamo-nos, e um arquejo subiu à sua boca:

— Você está fugindo, André, fugindo de mim. Isto é para que nunca se esqueça, para que diga um dia: ela me deu uma bofetada, a

*image
not
available*

pelas mãos de Deus, ali irrompia de todos os disfarces, para se instalar onipotente em sua essência mais verídica. Bem se via também que tudo se achava definitivamente dito entre nós. Inúteis as palavras que haviam sobrado, os afagos que não haviam sido feitos, as flores com que ainda pudéssemos adorná-la. Libertada, repousava em sua pureza final. Ah, e inútil também tudo o que não fosse fúria e submissão. Sem resposta, como se nós, criaturas, nada mais merecêssemos senão o luto e a injustiça, tudo terminava ali. E o que existira não passara de um sonho, de uma magnífica e passageira ilusão dos meus sentidos. Nada conseguiria mais romper o duro peso que se acumulava sobre meu coração, e diante daquela ruína, já tocada pela corrupção, eu custava a reconhecer aquela que fora o objeto do meu amor, e nenhuma lágrima, nem mesmo de piedade, subia-me aos olhos.

Tão sem pressa quanto suspendera a ponta do lençol, inclinei-me e beijei o rosto daquela mulher — como já o fizera tantas e tantas vezes — mas sentindo que desta vez era inútil, e que eu já não a conhecia mais.

*image
not
available*

por trás de sua máscara de Meneses — era preciso ter escutado o grito que lhe descerrou os lábios — o único — certa tarde quando eu atravessava a varanda vermelha de sol. Já tocava o trinco da porta, quando ouvi aquele brado estranho — “Nina”! — e era como se do fundo dele subisse de um jato a água estagnada e preta de sua paixão... Sem tê-lo visto ainda, adivinhava sua presença por trás de mim, e o galope do seu coração. Nem sequer me voltei, juro, mas no decorrer da noite, como se tivessem poder para varar as paredes, senti durante todo o tempo suas pupilas que me acompanhavam — e eram as pupilas de um louco, de um homem com sede e com fome, sem coragem para tocar no alimento que se achava diante dele. Minha mão esmorece, a pena tomba: é inútil descrever-lhe que espécie de demônio você tem em casa. Nenhum eco da minha voz conseguirá atingi-lo mais, Valdo, porque pensará sempre que são ainda as minhas extravagâncias.) Apesar de tudo, é necessário que alguém, ainda que este alguém seja eu, ponha-o em guarda contra sua própria credulidade. Morremos quase sempre da crueldade ignorada dos seres que nos cercam. Ah, se eu conseguisse trazer à sua memória a lembrança de alguns fatos... de algumas situações antigas... os primeiros tempos... a vida no Pavilhão. Aquele dia, Valdo, na escada cheia de folhas mortas, quando você me abraçou, dizendo: “Nunca, Nina, nunca nos separaremos neste mundo!”. E nos separamos, cada dia que se passa achamo-nos mais distantes um do outro. Naquele momento, porém, parecia ser verdade, o ar estava impregnado de jasmim, e todo o mundo vegetal que nos cercava como que aludia à nossa causa, e jurava pela sua viva permanência. Mas que sortilégio pôde ter surgido, como tudo se transformou assim tão de repente? Que me aconteceu, que aconteceu ao nosso amor? Então não há nada certo, geramos apenas o esquecimento e a distância? As palavras, meu Deus, não significam coisa alguma, não têm poder para selar nenhum juramento? Quem somos nós que assim passamos como espuma, e nada deixamos do que construímos, senão um punhado de cinza e de sombra? Debato-me, o coração me vem aos lábios: que é válido, que é invulnerável à fúria do tempo, qual o sentimento que não se esgota e não se ultraja?

Repiso em vão essas teclas todas. Sinto-o mudo, difícil, o olhar desviado para longe. O longe é a imagem do nosso cansaço. Ali, onde nunca entrará nenhum vislumbre da minha pessoa, nem a projeção de um gesto meu, nem o eco de nenhuma das minhas palavras, ali você se refugiará com a sua certeza, e cavará minha sepultura com mãos desfiguradas e sem alma. Estou definitivamente morta para você, uma lápide imensa, sem forma, nos afasta para sempre um do outro. Ah, e isto é o que me abala e me consome. Imaginá-lo assim distanciado, sem um olhar de piedade para aquilo que nos constituiu. Imaginá-lo no seu silêncio, completamente esquecido do que me jurou e prometeu, e me sentir como se eu fosse apenas um nome, soprado há muito na vastidão de um jardim que não existe mais. Um nome, como uma pétala que cai. Ah, Valdo, Valdo!

Um dia desses, farta de pensar e de sofrer, saí e comprei numa farmácia do bairro um soporífero qualquer. Voltei para casa, arrumei minhas coisas — caixas, fitas, chapéus, esses nadas que sempre me acompanham e tanto me ajudam — ordenando aquilo para que, após a minha morte, fosse entregue a determinada pessoa que eu conheço — uma enfermeira minha amiga. Depois, tracei duas linhas ao Coronel: que me perdoasse se não tinha sido para ele a filha que desejava — e que me esquecesse, pois alguma coisa não ia bem comigo. Em último lugar...

Bem, imagina por um momento que tenha sido esta a carta. Depois coloquei o copo defronte de mim, derramei nele o conteúdo do tubo, e fiquei esperando que a coragem viesse. Minto, Valdo, a carta não era esta, a carta era outra, que eu escrevi naquele momento, com o copo diante de mim. Queria que ela fosse a minha suma, meu testamento. Que os meus gritos, nela, ecoassem pela vastidão da sua casa, e fizessem tremer os culpados em seu esconderijo. Acusei Demétrio pelo que tinha feito, afirmando que jamais o perdoaria, nem neste mundo e nem no outro. Contava de antemão com as razões que saberia levantar, assim que me soubesse para sempre ausente deste mundo. Que adultérios, que pecados não suporia que eu estaria àquela hora cometendo do outro lado? Nem posso dizer do prazer com que escrevia, imaginando meu próprio corpo entre quatro velas acesas,

*image
not
available*

Avançou dois passos e eu reconheci então de quem se tratava. Pareceu-me mais pálido do que habitualmente, de modos hesitantes, olhos desconfiados.

— Boa noite, senhor Demétrio — disse eu, naturalmente estranhando a visita.

Talvez seja necessário explicar aqui por que aquela chegada não me pareceu um fato banal — é que eles, os Meneses, por orgulho ou por suficiência, eram os únicos fregueses que jamais pisavam em minha casa. Mandavam recados, aviavam receitas, pagavam as contas por intermédio dos empregados. Eu os via passar com certa frequência, quase sempre de preto, distantes e numa atitude desdenhosa. Dizia comigo mesmo: “São os da Chácara” — e contentava-me em inclinar a cabeça num hábito que já se perdia longe através do tempo. Aliás, devo acrescentar ainda que caminhavam quase sempre juntos, o sr. Valdo e o sr. Demétrio. Podiam não ser muito unidos lá dentro de casa, tal como corria de boca em boca, mas nas ruas eu os encontrava sempre ao lado um do outro, como se neste mundo não houvesse melhores irmãos. Uma única vez vi o sr. Demétrio em companhia de sua esposa, dona Ana, que a voz corrente dizia encerrada obstinadamente em casa, e sempre em prantos pelo erro que cometera contraindo aquele matrimônio. Não era uma Meneses, pertencia a uma família que antigamente morara nos arredores de Vila Velha, e fora aos poucos triturada pela vida sem viço e sem claridade que os da Chácara levavam. Lamentava-se muito a sua sorte, e alguns chegavam mesmo a dizer que não era de todo destituída de beleza, se bem que um tanto sem vida.

— Boa noite — respondeu-me o sr. Demétrio, e ficou diante de mim, parado, esperando sem dúvida que eu iniciasse a conversa. Não

*image
not
available*

voltas ao problema, esperando que eu o auxiliasse. Via agora que eu não tinha a menor intenção de vir em seu socorro (por que viria? Desde há muito, desde tempos imemoriais, que entre mim e a família Meneses não existia o menor vislumbre de simpatia...) e fora esta minha atitude que lhe arrancara aquele olhar eloquente e cheio de cólera. Ao contrário, em vez de facilitar-lhe a confissão (ou o que quer que fosse...) mudei completamente de assunto, como se a história do lobo jamais houvesse sido pronunciada. Havia um lado da parede da farmácia que se achava em péssimo estado, devido a uma pequena explosão, provocada por um prático sem experiência. Mostrei-lhe a cal arruinada, os tijolos à mostra, acrescentando com um sorriso:

— Tempos duros os que vivemos, senhor Demétrio! Veja esta parede que carece tanto de reparos! Há dois meses espero conseguir o dinheiro necessário, e até agora não fiz nem sequer para encomendar um tijolo!

Diante de mim, imóvel, ele seguia com extrema atenção aquela fingida volubilidade. Provavelmente estaria procurando adivinhar em minhas palavras um sentido oculto, uma insinuação qualquer — e eu confesso que nada mais queria dizer além do sentido nu que exprimiam, nada, senão que o muro necessitava de conserto, e que eu não possuía o dinheiro necessário para fazê-lo. No entanto, uma inspiração pareceu tocá-lo de repente, vi uma pequena luz se acender em seus olhos, enquanto mais uma vez estendia a mão e tocava-me o braço:

— Talvez possa ajudá-lo, quem sabe? Um tijolo a mais ou a menos, sempre estamos aqui para ajudar os amigos.

Ao ouvir estas palavras, eu me achava de costas: voltei-me devagar e fitei-o bem no fundo dos olhos. Imaginei ver então agitar-se naquelas

*image
not
available*

— Sente-se aí, Betty, sente-se aí — disse ele apontando-me uma cadeira com o leque. — Sente-se aí, se você ainda me quer bem.

— E por que não haveria de o querer, senhor Timóteo? Ao que saiba, até agora não me fez mal nenhum.

Ele ergueu os ombros e todo o seu pesado corpo estremeceu:

— Não, não fiz. Mas sei lá... — disse com acento nostálgico.

E vindo a mim, o leque apontado em minha direção:

— Depois que resolvi ser independente... Betty, você não acredita que se possa atender às puras vozes do sangue?

— Como assim, senhor Timóteo? — e não havia nenhum fingimento e nem falso pasmo em minha pergunta.

Seus olhos velaram-se de súbita gravidade:

— Sou dominado pelo espírito de Maria Sinhá. Você nunca ouviu falar em Maria Sinhá, Betty?

— Nunca, senhor Timóteo. Não se esqueça de que estou nesta casa há poucos anos. Além do mais, falar não é o forte da família.

— Tem razão, Betty, você tem sempre razão. É a vantagem das pessoas simples.

— Quem foi então Maria Sinhá?

— Oh — começou ele, e sua voz traía uma emoção sincera — foi a mais nobre, a mais pura, a mais incompreendida de nossas antepassadas. Era tia de minha mãe, e foi o assombro de sua época.

Calou-se um minuto, como se procurasse diminuir o entusiasmo que a lembrança de Maria Sinhá lhe causava — e depois, num tom mais calmo, prosseguiu:

— Maria Sinhá vestia-se de homem, fazia longos estirões a cavalo, ia de Fundão a Queimados em menos tempo do que o melhor dos cavaleiros da fazenda. Dizem que usava um chicote com cabo de ouro,

*image
not
available*

de uma coisa? Acho que nasci com a alma em trajes de grande gala. Quando me apertava em gravatas, quando me vestia como os outros homens, meu pensamento se achava cheio de vestidos suntuosos, de joias, de leques. Quando minha mãe morreu, ela que era famosa em sua mocidade pelo exagero dos trajes, meu primeiro ato foi apoderar-me de seu guarda-roupa. E não só de seu guarda-roupa, mas de suas joias também. Tenho ali, trancada naquela cômoda, uma caixa contendo as mais belas joias do mundo: ametistas, diamantes e topázios. Sozinho, retiro-as do seu esconderijo e, quando a insônia me ataca, brinco com elas sobre esta cama, e rolo em minhas mãos pedras que fariam a fortuna da família toda, mas que jamais abandonarão este quarto, pelo menos enquanto eu viver. Por isto é que disse a você que o espírito de Maria Sinhá havia se encarnado em mim: ela sempre sonhou com trajes diferentes do que usava. Dizem que em muitas noites, quando a lua se escondia, saía ela por essas estradas afora, vestida como um homem, fumando, uma escura capa tombada sobre os ombros.

Confesso, toda aquela conversa me enervava, sobretudo porque eu não acreditava no que ele me dizia, e isto assim não conduzia a nenhum resultado. Deixei escapar um suspiro e levantei-me:

— São coisas muito altas para mim, senhor Timóteo. Em todo caso, se para o senhor a felicidade consiste nisto...

Com um movimento quase de violência voltou-se para mim, enquanto uma sombra descia à sua face:

— Não, Betty, não é de felicidade que se trata. Não afrontaria ninguém se fosse apenas por causa da felicidade. Mas é da verdade que se trata — e a verdade é essencial a este mundo.

— Creio que sim, senhor Timóteo.

*image
not
available*

— Se estiver ao meu alcance...

Diante dos meus olhos, implacavelmente nítidas, achavam-se gravadas as recomendações do sr. Demétrio.

— Está sim, está ao seu alcance — insistiu ele. E esclareceu, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa: — Quero vê-la, Betty, preciso vê-la assim que ela chegar. Você promete transmitir-lhe um recado meu?

Hesitei, mas como seus olhos não abandonassem os meus, concordei:

— Prometo.

— Obrigado, Betty, obrigado — e um suspiro de alívio escapou-lhe do peito. — Quero apenas que você vá ao seu encontro e diga: “Uma pessoa deseja vê-la o mais breve possível, a fim de tratar de assunto da mais extrema importância”.

— Só isto?

— Só isto. Você jura que não se esquecerá das minhas palavras?

Estendi a mão:

— Juro.

Despedimo-nos sobre este juramento.

21 — Creio que fui eu a primeira pessoa a vê-la, desde que desceu do carro e — oh! — jamais, jamais poderei esquecer a impressão que me causou. Não foi um simples movimento de admiração, pois já havia deparado com muitas outras mulheres belas em minha vida. Mas nenhuma como esta conseguiu misturar ao meu sentimento de pasmo essa leve ponta de angústia, essa ligeira falta de ar que, mais do que a certeza de me achar ante uma mulher extraordinariamente bela, forçou-me a reconhecer que se tratava também de uma *presença* — um ser egoísta e definido que parecia irradiar a própria luz e o calor da

*image
not
available*

arraigadamente mineira. Mais do que isto: mais do que ao seu Estado natal, amava ele a Chácara, que aos seus olhos representava a tradição e a dignidade dos costumes mineiros — segundo ele, os únicos realmente autênticos existentes no Brasil. “Podem falar de mim”, costumava dizer, “mas não ataquem esta casa. Vem ela do Império, e representa várias gerações de Meneses que aqui viveram com altaneria e dignidade.”

O certo é que, terminada a discussão entre dona Nina e o sr. Valdo — ainda era cedo para que eles se aprofundassem nos desentendimentos — desceram os dois ao jardim, enquanto esperavam o almoço. Nada sei do que fizeram ou do que conversaram naquelas longas idas e vindas pelas alamedas cobertas de areia grossa — vi apenas que a patroa, quando voltou, tinha nas mãos um pequeno molho de violetas. “Foram-me dadas por Alberto, o jardineiro”, disse, como se quisesse evitar que supuséssemos as flores um presente do sr. Valdo. Já se achavam à mesa o sr. Demétrio e dona Ana, e a conversa que se entabulou, talvez pela espera a que eles haviam sido submetidos, não foi das mais animadas. O sr. Demétrio, como dona Nina louvasse as flores, afirmou um tanto distraidamente que Alberto era um bom jardineiro, se bem que moço demais para o cargo. Não tinha experiência para tratar com determinadas plantas de aclimatação difícil. Dona Nina defendeu-o com certa vivacidade, dizendo que exatamente porque muito moço, tinha maiores probabilidades de aprender métodos novos. Falou-se do Pavilhão e, não sei por quê, de súbito o sr. Valdo começou a atacar as instalações da Chácara.

— Não são perfeitas, Demétrio, e algumas existem que de há muito precisavam ser renovadas.

*image
not
available*

Ouvi uma exclamação abafada e a patroa pôs-se de pé, tremendo. Algumas lágrimas brilhavam em seus cílios — dessas lágrimas fáceis, convenhamos, que mais tarde aprendi a vislumbrar tantas vezes em seus olhos — e conservava ainda entre as mãos, num gesto de raiva impotente, o guardanapo amarrotado. Compreendi que havíamos atingido o instante decisivo e que o que quer que sobreviesse, jamais seria tão forte e nem tão extenso quanto o que se passava naquele minuto, pois era o cerne de onde tudo deveria se irradiar mais tarde. Com um movimento atrevido, que parecia significar que ela jamais se submeteria à economia estreita dos Meneses, afastou a cadeira, e ia afinal abandonar a sala, quando o sr. Demétrio a deteve:

— Desculpe, Nina, mas é que todos aqueles chapéus e vestidos são inúteis na roça. Você sabe que estamos na roça, não sabe? Aqui — e ele apontou com um gesto displicente — as mulheres se vestem como Ana.

A patroa não pôde deixar de olhar a pessoa que ele designava, e acho também que foi desde aí, desse olhar largado de alto e cheio de espantoso desdém, que a inimizade para sempre surgiu entre ambas. De pé, um pouco afastada da mesa, um sorriso assomou-lhe aos lábios — e continha ele todo o veneno existente neste mundo. Dona Ana, sentada, sofria aquele exame de cabeça baixa: vestia-se com um vestido de um preto desbotado, sem enfeites, e inteiramente fora da moda. Após esse rápido exame, dona Nina devia se ter dado por satisfeita, pois sem responder, sem sequer dignar-se voltar a vista para o sr. Demétrio, levantou a cabeça e abandonou a sala. O sr. Valdo lançou um olhar ao irmão — de franco ódio — e acompanhou a mulher. Sozinhos à mesa, o sr. Demétrio e dona Ana tomaram o café,

*image
not
available*

5. Primeira narrativa do médico

Não me lembro exatamente do dia, e nem posso precisar a hora, mas afirmo que aquele chamado não constituiu para mim nenhuma surpresa, já que as coisas da Chácara não iam bem, e isto desde há muito transpirara do lado de fora. Talvez devesse explicar os fatos de outro modo, mas a verdade é que nossa cidadezinha e mesmo outras do Município andavam repletas de comentários, dos mais ingênuos aos mais mordazes, sobre escândalos que possivelmente estariam acontecendo em casa dos Meneses. Donana de Lara, por exemplo, que viera me consultar a respeito do filho, um pouco mais agitado naqueles últimos dias do que de costume, ousara sugerir que se devia pedir a Padre Justino para benzer a Chácara: o mal, dizia ela, estava arraigado na ruindade dos Meneses antigos, que haviam envenenado o ambiente da casa. Mas voltando ao meu caso, supus no entanto, e não tardei muito a verificar meu engano, que o chamado fosse para atender dona Nina, cuja chegada mais ou menos recente ainda era motivo de interesse para todo o mundo. Enquanto me vestia, imaginava o que ela teria feito. Diziam-na perigosa, fascinante, cheia de fantasia e de autoridade — e eu, que já vira nosso estreito círculo ferver e aquietar-se em torno de tantas personalidades diferentes, indagava de mim mesmo o que caracterizaria aquela, para que durasse

*image
not
available*

Neste minuto exato, e como se o fizesse expressamente para contrariá-lo, o sr. Valdo abriu os olhos — e confesso que jamais vi tão absoluta expressão de repulsa, de cólera e de desentendimento, quanto a que vislumbrei neste primeiro olhar que os irmãos trocaram. Não havia dúvida: o acidente, ou o que quer que fosse, havia irritado fundamente o sr. Demétrio. Perturbei-me e, enquanto o ferido começava a gemer baixinho, pois eu lhe tateava o ferimento, fitei o sr. Demétrio um tanto desamparado. Ele compreendeu o que se passava comigo, pois apoiou a mão no meu ombro, num gesto ao mesmo tempo familiar e autoritário:

— Meu irmão ainda não pode manifestar-se sobre o acontecido — disse. — Perdeu muito sangue nesta brincadeira estúpida, e é provável que ainda não tenha ideias nítidas. Mas qualquer dia desses...

Vi então o ferido fazer um grande esforço e soerguer-se no divã, enquanto o suor lhe inundava a testa:

— Posso sim — murmurou. — E você sabe, Demétrio, o que eu tenho a dizer...

Apesar de pronunciadas com dificuldade, aquelas palavras haviam sido inteiramente perceptíveis.

— Como? Você já pode falar? Isto me alegra — fingiu o sr. Demétrio, como se não houvesse escutado perfeitamente o que o ferido dizia. E um tanto escarninho: — Quer dizer que tudo não passou realmente de uma brincadeira imprudente?

O sr. Valdo voltou a fitá-lo durante algum tempo, e isto como se estivesse prestes a pronunciar uma acusação, mas vencido pelo cansaço, gemeu e deixou apenas a cabeça tombar para trás. Sua mão raspou a colcha num gesto de raiva e de impotência. Aguardei que ele serenasse o espírito e readquirisse forças, mas ele apenas voltou a

*image
not
available*

continuei eu, “sei muito bem que é Nina a quem você adora. Vejo seus olhares...” Disse isto lentamente, como soprado por alguém. Ele empalideceu, fitou-me bem no fundo dos olhos e bradou: “Mas você está louca! Onde foi buscar semelhantes ideias?”. Não sei o que respondi, mas o esforço era demasiado para mim e abati-me sobre uma cadeira, soluçando e rindo ao mesmo tempo, o rosto voltado, oculto entre as mãos. Quando me acalmei, ele já não se achava mais no quarto.

Desde esse momento senti-me como se fosse uma outra mulher. Vivia como todo o mundo, e como vivera até aquele momento, mas um fogo interior me queimava sem descanso. Por mais que fizesse, as distrações que inventasse, não podia perder minha cunhada de vista. Ah, como era bela, como era diferente de mim. Tudo na sua pessoa parecia animado e brilhante. Quando caminhava, fazia girar no espaço uma aura de interesse e de simpatia — exatamente o oposto do que sucedia a mim, ser opaco, pesadamente colocado entre as coisas, sem nenhum dom de calor ou de comunicação. Um dia em que, sentada ao sol, penteava os cabelos, aproximei-me dela e, levada por irresistível atração, passei a mão pela sua cabeça. Ela estremeceu àquele contato e voltou-se; ao deparar comigo, hesitou, acabou sorrindo. “Está achando bonito?”, indagou. Respondi que sim, confusamente, sem ter coragem para me aproximar mais. E no entanto, o que turbilhonava no fundo do meu coração! “Cuido deles”, continuou ela numa displicência quase voluptuosa. “Os homens adoram os cabelos bonitos.” Fez um movimento rápido, ondeando ao sol, com clarões de cobre, a cabeleira bem tratada. “Está vendo?”, tornou a indagar. E com densa malícia: “Eles gostam de alisar uma cabeleira assim, de levá-la ao rosto, aos lábios...”. Fitou-me e, vendo

andava rápida como se tivesse destino determinado. Não sei que força obscura me impulsionou a acompanhá-la. Talvez, Padre, o senhor não se lembre mais da topografia daquela parte do nosso jardim. Foi ali, no entanto, que outrora confessou muitas vezes a falecida mãe do meu marido; ali passearam juntos infindáveis ocasiões, conforme escuto a tradição contar — e acho, portanto, que nenhuma outra pessoa estaria melhor designada para identificar o lugar a que nos dirigíamos. Era ao fundo, lado direito do Pavilhão, onde antigamente havia uma clareira limitada por quatro estátuas representando as estações. Só o Verão ainda se fazia ver de pé, e a parte inferior da Primavera, em cujo interior, como de dentro de um vaso, crescia uma vigorosa samambaia dominando os bordos partidos. A folhagem crescera, e se bem que a clareira permanecesse imune, como que sobrara, flutuante, em meio à cerrada vegetação. Para lá, local onde nunca ninguém pisava, é que se dirigia Nina, e isto ainda despertou mais a minha curiosidade. Continuei a segui-la, disfarçando-me por trás das árvores. Meu receio em avançar me fez perder parte da cena que se passou então naquela clareira. Quando me aproximei, suficientemente protegida por um tronco de acácia, vi Nina que, vibrando de cólera, conversava com Alberto, nosso jardineiro. Avancei mais e escondi-me bem por trás de um alto tufo de samambaias, disposta a não perder uma palavra do que dissessem. No entanto, tudo deve se ter dado demasiadamente rápido — vi apenas Nina erguer a mão e esbofetear o rapaz. Ele deixou cair a pá que trazia e levou a mão ao rosto, recuando um passo. A estranheza daquele procedimento estonteou-me um minuto — e mal conseguira me refazer do meu espanto, quando vi Nina empurrar o moço e abandonar a clareira, pelo caminho oposto ao por que viera. Alberto ficou só, alisando o rosto que ela esbofeteara. Não havia

dúvida de que não tinha coragem para fazer um gesto, acompanhou-a apenas com o olhar, até que ela desapareceu. Neste momento não sei o que fiz, devo ter escorregado, ou perdido o equilíbrio, pois ele voltou-se imediatamente para mim. “Ah, a senhora estava aí?”, disse, e não havia nenhuma surpresa em sua voz. Só então reparei o quanto aquele homem havia se modificado. Decerto, quando as pessoas não nos interessam, esmaecem em torno a nós com a indiferença dos objetos. Alberto, para mim, sempre fora o jardineiro, e jamais conseguira identificar sua presença senão daquele modo. Eis que agora, pelo simples manejo da existência de Nina, eu o descobria como havia descoberto a mim mesma. Este deve ser, Padre, o primeiro dom essencial do demônio: despojar a realidade de qualquer ficção, instalando-a na sua impotência e na sua angústia, nua no centro dos seres. Sim, pela primeira vez eu via Alberto, e o via de vários modos simultâneos: primeiro, que era moço, segundo, que era belo. Não o vi belo como o era naquele instante preciso, mas belo como devia ter sido antes de conhecer Nina, puro e tranquilo, na simplicidade de sua pequena alma provinciana. Agora, talhado em dois, o ser antigo e o novo se confundiam na mesma escura beleza, erguendo-o ante meus olhos, um pouco ao acaso, desalinhado como esses deuses que a lenda subitamente inventa da espuma e do vento. Eu o adivinhava retrospectivamente, se assim se pode dizer, não como Nina o amava, mas como eu, talvez, o tivesse amado. Hoje ele era outro, mas eu sabia que ele era outro. Havia um cansaço em sua fisionomia, a tristeza do conhecimento em seu olhar. Pela primeira vez eu me dirigi a ele, e minha voz tremeu porque me dirigia a um ser humano e não a uma abstração. “Que foi, Alberto?” E, coisa estranha, desta vez foi ele quem se dirigiu a mim como se fosse eu uma abstração, como se eu não

existisse, ou se apenas continuasse o ser incolor que ele se achava habituado a cumprimentar. “Viu como me tratou ela?”, inquiriu à guisa de resposta. E ao mesmo tempo havia uma tão perempta confissão em sua voz, era de tal modo impossível enganar-me com o seu sentido, que uma onda cheia de amargor subiu ao meu coração. Voltei o rosto, a fim de ocultar as minhas lágrimas. E no entanto, nada havia de especial no que ele me dissera; apenas o véu não se rompera para ele, e via-me tal como todos os dias, vazia e pobre, o triste ser sem alma que eu sempre fora. Esquecido da minha presença, exclamou de novo: “Ah, como me tratou! Mas há de me pagar um dia, e caro, a vagabunda!”. A palavra chocou-me e eu me voltei com certa vivacidade. Ele pareceu acordar daquele sonho e perturbou-se: “Desculpe...”. Confesso, naquele instante ainda tentei vencer a mim mesma. Fingi que não ouvira a palavra infame e aproximei-me dele: “Que foi, Alberto, que se passa?”. Mas ele não me deu nenhuma resposta, distanciando novamente. A esta altura comecei a falar, e era como se um outro ser penetrasse em mim e usasse meus lábios para proferir aquelas palavras bizarras: “Sei muito bem de tudo o que acontece. Provavelmente está apaixonado, e sonha com aqueles cabelos noite e dia, não é? E com aquela pele branca, Alberto, com aquele corpo que não lhe pertence... Seja homem, tenha coragem para confessar, você não está louco, não está inteiramente perdido?”. Eu o segurava, sacudia-o, como se houvesse perdido o juízo. Ele acordou, fitou-me um minuto, assombrado, depois começou a rir. Não percebi de pronto aquele riso — era uma coisa vagarosa, de uma luz concentrada e fria, que aos poucos evaporava a sombra acumulada em seu rosto. De um só golpe compreendi toda a verdade: ah, como eu devia ser ridícula metida em meu vestido escuro, com os cabelos

lisos amarrados em coque, os lábios estreitos apertados para a primeira injúria, para a primeira mentira, para a primeira oferta...

Não pude suportar mais tempo aquela contração que para mim era menos um riso do que o signo de uma ofensa mortal: recuando, voltei-lhe as costas e saí correndo, sentindo que, sem tê-lo encontrado, já o havia perdido para sempre.

9. Diário de Betty (II)

5 — Desde que ela chegou, não temos mais um minuto de sossego. A todo instante quer alguma coisa e nunca está contente, queixando-se dos empregados, da casa, do clima, de tudo enfim, como se fôssemos culpados do que lhe acontece. Ainda não a vi em repouso, e creio que esta é uma atitude que lhe vai dificilmente. Está sempre caminhando de um lado para outro, fazendo alguma coisa ou simplesmente imaginando o que fazer — o que lhe empresta um aspecto febril, não isento de hostilidade, que cria em toda a casa um ambiente de mal-estar e expectativa. Lá dentro as empregadas se queixam, cá fora a fisionomia dos patrões não é das mais animadoras.

Apesar de todo esse movimento, coisa curiosa, desde o primeiro instante não me pareceu de saúde perfeita. Queixou-se de dores de cabeça e pareceu-me pálida; não tardou muito que um círculo escuro lhe rodeasse as pálpebras. Desde que entrou no quarto, começou a desarrumar a grande quantidade de malas que trouxe consigo. Indaguei a ela para que tantos vestidos, se tinha intenção de usá-los todos. E acrescentei: “Aqui em casa saem tão poucas vezes!”. Ela me respondeu com irritação: “Que me importa se nesta casa saem ou não? Farei exatamente o que eu quiser”. E indagou-me em seguida se não havia divertimentos na cidade, bailes, teatro, reuniões de qualquer



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

— Bom dia, Betty — disse-me de modo prazenteiro, diferente do que usava habitualmente. Via-se que estava contente e que fazia questão de mostrá-lo.

— Bom dia. O senhor está à minha procura?

— Estou, Betty — e sem que eu pudesse reagir, puxou-me para dentro.

Vestia-se do mesmo modo extravagante e, como era seu costume, conservava as cortinas cuidadosamente cerradas. No entanto não era difícil observar que há muito os móveis não eram espanados, nem varrido o assoalho, nem levado a efeito qualquer serviço de limpeza: um ar quente, viciado, circulava em torno de nós como um clima próprio, no qual o sr. Timóteo se movesse como dentro do único elemento em que lhe fosse permitida a existência. Enquanto olhava, descobri uma forma agitar-se ao fundo e, fixando a vista, não tardei muito em descobrir de quem se tratava.

— Sou eu, Betty — disse tranquilamente a voz da patroa. — Se o senhor Valdo perguntar por mim, pode dizer que estou neste quarto. Vim fazer uma visita ao meu cunhado.

A essas palavras, um som esquisito, gutural, partiu do lugar onde se achava o sr. Timóteo. Era possível imaginar-se que se tratava de um riso, ou de outra manifestação qualquer de contentamento.

— Está ouvindo, Betty? — e ele aproximou-se, a voz vibrante de entusiasmo. — Está ouvindo o que ela disse? Veio especialmente me visitar. Ah, creio que hoje os Meneses terão grandes motivos de satisfação...

Não havia nenhuma dúvida de que para ele se tratava de um acidente excepcional, primeiro porque travava conhecimento com a cunhada (e quem sabe por que meios, por que secretas afinidades

conseguiria transformá-la numa aliada?), segundo porque, no íntimo, devia tramar alguma coisa contra os irmãos. Ah, essa raça de Meneses era bem minha conhecida. No entanto, de pé, procurava em vão imaginar por que aquela visita lhe causava um tão extraordinário prazer. Que secreta partida jogava ele, e que possibilidades entreveria no futuro, com um gesto que provavelmente era apenas um dever de cortesia? Aproximei-me um pouco mais, tentando vislumbrar o rosto da patroa — e seus olhos, que reluziram um instante na cálida penumbra, demonstravam confiança e, por que não dizer, uma quase sensação de bem-estar naquele ambiente exótico. Estranho mistério o dessas naturezas vedadas: ali, onde nenhum de nós respirava livremente, era o lugar exato em que ela parecia sentir-se mais à vontade. Diante de mim, lento e majestoso (não sei se já disse que o sr. Timóteo, que começava a beber com certo exagero, talvez para fugir à causticante monotonia de sua vida entre aquelas quatro paredes, talvez por um motivo mais secreto e mais triste, um suicídio lento, engordava a olhos vistos, e os ricos e extravagantes vestidos que haviam pertencido à sua mãe, e que tanto lustro haviam dado outrora à crônica social da Chácara, estouravam agora pelos cantos, rompiam em cicatrizes, esgarçados em lugares onde o excesso já torneava as primeiras e irremediáveis deformidades...) ele evoluiu como se desafiasse meu olhar. Depois, colocando-se diante de mim, disse:

— Betty, quero que vá imediatamente buscar uma garrafa de champanha, e bem gelada. Quero comemorar condignamente o dia de hoje.

Da poltrona onde se achava sentada, a patroa parecia concordar em silêncio — não tinha pois senão que obedecer, e o fiz, fechando novamente a porta. Assim que atingi o fim do corredor, no entanto, o

sr. Valdo surgiu bruscamente diante de mim. Tentei afastar-me do seu caminho mas ele me segurou fortemente pelo braço:

— Aonde vai você? De onde veio? — indagou.

— Do quarto do senhor Timóteo — respondi, esforçando-me por escapar. Ele, no entanto, apertava-me com força, e empurrava-me contra a parede.

— Do quarto do senhor Timóteo! — repetiu com pasmo. — E quem está lá?

— A patroa — respondi.

— A patroa! — repetiu ele de novo, como se eu acabasse de dizer uma exorbitância.

Como eu concordasse apenas com a cabeça, fitou-me em silêncio, esperando talvez maiores explicações. Vendo meu inabalável mutismo, abandonou-me — e sua voz readquiriu o tom normal, quase baixa, polida.

— Onde ia você agora? — e como se ao mesmo tempo aquela pergunta não lhe importasse, e queimasse as etapas, indo direto ao objetivo que lhe interessava: — Que faziam, que tramavam contra mim?

— Senhor Valdo — exclamei por minha vez — como é que o senhor pode imaginar uma coisa dessas? Ninguém tramava contra o senhor, não se disse coisa alguma!

— Ah — e ele riu com certo esforço — que faziam então reunidos no quarto?

— O senhor Timóteo encomendou-me uma garrafa de champanha.

— Uma garrafa de champanha! — e seu espanto não parecia ter mais fim. — Minha mulher nunca bebe, por que hoje...

Ergui os ombros:

— Não sei dessas coisas, senhor Valdo. Apenas cumpro ordens.

Ele fitou-me de novo, repetindo “champanha” — e via-se que seu pensamento se achava longe. De repente luziu em seus olhos uma ponta de malícia:

— Pode voltar, Betty, não haverá nenhum champanha.

— Por quê? — indaguei, duvidando.

Ele riu:

— A chave da adega está comigo.

Julguei necessário intervir de modo mais severo:

— Que pensarão, senhor Valdo, já imaginou? Acho mesmo que não fica bem para um Meneses...

Ele, que já ia saindo, estacou à palavra “Meneses” e voltou-se para mim:

— Que poderão pensar, que poderão dizer?

Corrigi:

— “Ela” poderá pensar que somos uns sovinas. E terá razão, senhor Valdo. Afinal...

Ele voltou-se completamente e seus olhos, desta vez ansiosos, buscaram os meus:

— Afinal o quê, Betty? E por que precisam de champanha? Querem uma farra completa, não é?

— Não se trata de farra. Como é que pode pensar uma coisa dessas, dela... da sua mulher? Apenas o senhor Timóteo está contente por ter conhecido dona Nina.

Moveu a cabeça, como se duvidasse. Por um instante, vendo-o tão obstinado diante de mim, julguei que se tratasse apenas de um impulso de ciúme, um desses gestos que parecem comuns entre os

recém-casados. Mas depois, quando ele voltou a falar, percebi que algo mais profundo se agitava em sua alma.

— Não é tão inocente assim, Betty. Timóteo não descansará enquanto não nos destruir.

Havia segurança em sua voz e, durante um minuto, pensei que talvez ele tivesse razão, e que a atitude do outro, habitualmente tão reservada, poderia na verdade conter certa dose de perfídia. Que pretendia ele, por que mandara buscar champanha? Que espécie de aliança era aquela que pretendia estabelecer com a recém-chegada? E revi o quarto, o ambiente morno, as evoluções do sr. Timóteo diante de mim.

— Aqui está — disse-me o sr. Valdo entregando a chave da adega. — Pode levar a bebida.

E num ímpeto, como se não pudesse conter o que lhe subia do fundo do peito:

— Pode levar e dizer que não me importo que ele suje de vez o nome da família. Mas se tocar em Nina...

Esboçou um gesto de ameaça, sem concluir a frase. Jamais vira o patrão tão irritado; ele, que nunca perdia a linha e nem se entregava a nenhuma espécie de transbordamento, transfigurava-se de repente pela raiva. E, coisa curiosa, notei que seu furor era somente um sentimento de impotência. É verdade que a causa de tudo era o fato da patroa se encontrar no quarto de seu irmão, que todos eles consideravam um réprobo — e no entanto, caso tivesse coragem, não lhe seria difícil abrir a porta e dizer à mulher que abandonasse aquela atmosfera dissoluta. Por que não o fazia, por que se limitava a rondar a porta cheio de raiva, por que detinha a mim, que nada tinha com aquilo e nem poderia aceitar nenhuma responsabilidade no fato?